

domingo

domingo@jt.com.br

Flávio Craveiro/AE - 9/12/99



Um paraíso ecológico à deriva

O trabalho de recuperação da flora e fauna da ilha das Cabras feito por Fernando Heráclio da Silva foi destruído pelo ex-senador Gilberto Miranda. Por Renato Modemell

DEVASTAÇÃO: a lei não foi suficiente para proteger a Ilha das Cabras. Entre as mudanças feitas por Miranda estão o corte no topo de um morro para aprisionamento de animais exóticos e a construção de uma praia artificial

Célio Guatelli/AE - 8/5/98

A última coisa que Fernando Heráclio da Silva poderia esperar – estando agora recolhido à sombra dos coqueiros de Ilhéus, sua terra – é que ainda haveria de ver seu nome anunciado pela Justiça de Ilhabela como uma espécie de testa-de-ferro do senador suplente Gilberto Miranda, ao qual transferiu a posse da Ilha das Cabras, no litoral de São Paulo, em julho de 1989. Não faz idéia de como isso pode ter acontecido, mas de qualquer modo não recrimina as modificações e benfeitorias levadas a cabo depois que saiu de lá – um heliporto e mais a ampliação da casa e da praia – e que motivaram uma recente condenação por danos ao ambiente.

“Eu estaria disposto a testemunhar, hoje, pelas boas intenções de Miranda em relação à ilha, pelo menos na fase inicial, em que pude acompanhar o que ele estava fazendo”, afirma Heráclio. Nada foi feito sem o seu conhecimento. Heráclio inclusive chegou a receber vários convites para visitar a ilha, mas recusou todos por questão de foro íntimo. “Não gosto de voltar aos lugares de onde parti”, explica ele.

No entanto, por conta dessas coisas que acontecem, acabou voltando à Bahia, onde aos 76 anos parece radicado em definitivo. O litoral paulista, que tanto o fascinou, representa uma época de sua vida que há muito ficou para trás. E também está longe da efervescência de São Paulo, onde estudou, fez a vida e ganhou prestígio nos meios artísticos e intelectuais.

Heráclio é filho de um fazendeiro de cacau de Ilhéus que perdeu tudo na grande quebra da década de 30. A família, de sete filhos, em situação difícil, transferiu-se para São Paulo quando ele contava 12 anos de idade. Havia perdido alguns anos escolares, mas foi em frente. Nos anos 40, estava cursando Filosofia na USP da Rua Maria Antônia, onde havia aulas em francês com professores vindos da Sorbonne.

Ele fez o que tinha de fazer, seguindo o figurino da época. Entrou no Partido Comunista. Tomou muito chope na Xa-

vier de Toledo. E comeu muito sanduíche no Bar e Café Faculdades, que existe até hoje na esquina da Rua Dr. Vila Nova e é conhecido como “Bar do Zé”. Convivia com o filósofo José Artur Gianotti e fez parte de um centro acadêmico então presidido por Fernando Henrique Cardoso, alguns anos mais jovem que o próprio Heráclio.

Foi nessa hora que sua vida deu uma guinada. Convidado a dar aulas de português a estrangeiros, acabou tomando parte no embrião do empreendimento que viria a ser depois o Instituto de Idiomas Yáziqi. Topou, de início, com a idéia de custear os livros caros, em francês e inglês, que a faculdade exigia. Mas logo abandonou a filosofia para virar professor de inglês e criar a promissora rede de escolas com método próprio que, a partir de São Paulo, se espalharia pelo Brasil num siste-

Fernando Heráclio da Silva foi um dos fundadores do Parque Estadual de Ilhabela e fez questão de incluir nele a Ilha das Cabras, para protegê-la da devastação

ma de concessões que tempos depois haveria de ser chamada de franchising.

Deu dinheiro. Heráclio prosperou e comprou um apartamento de três quartos no Guarujá, onde costumava levar a família para passar os fins de semana. Porém, quando seus filhos entraram na adolescência, no início da década de 60, ele temeu que ficasse muito perto das drogas que circulavam num balneário badalado.

Voltou sua atenção ao litoral norte. Justo nessa época, o prefeito de Ilhabela estava se transferindo para Miami e colocava todas as suas propriedades à venda, entre elas a Ilha das Cabras, a 170 metros de distância, separada do continente por uma faixa de mar de dois quilômetros de largura. Usando o dinheiro da venda do apartamento em Guarujá, Heráclio comprou os direitos de posse da ilha com o amigo Rubem Catan, que não muito tempo depois desistiu da parceria.

Era o ano de 1964. Bom momento para um sujeito de esquerda ter uma ilha e ficar bem quieto nela. Mas Heráclio não era tão comunista as-

sim. Desejava, no fundo, era ter um pequeno paraíso para viver quando se aposentasse.

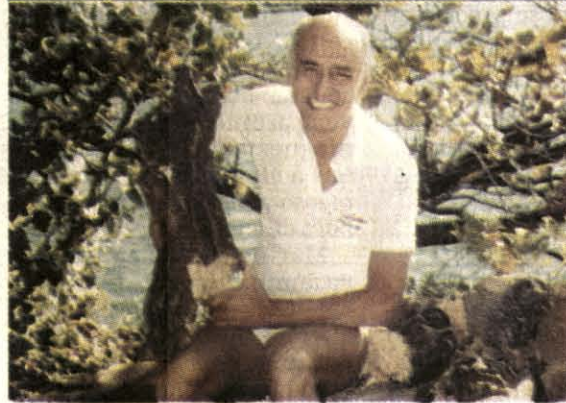
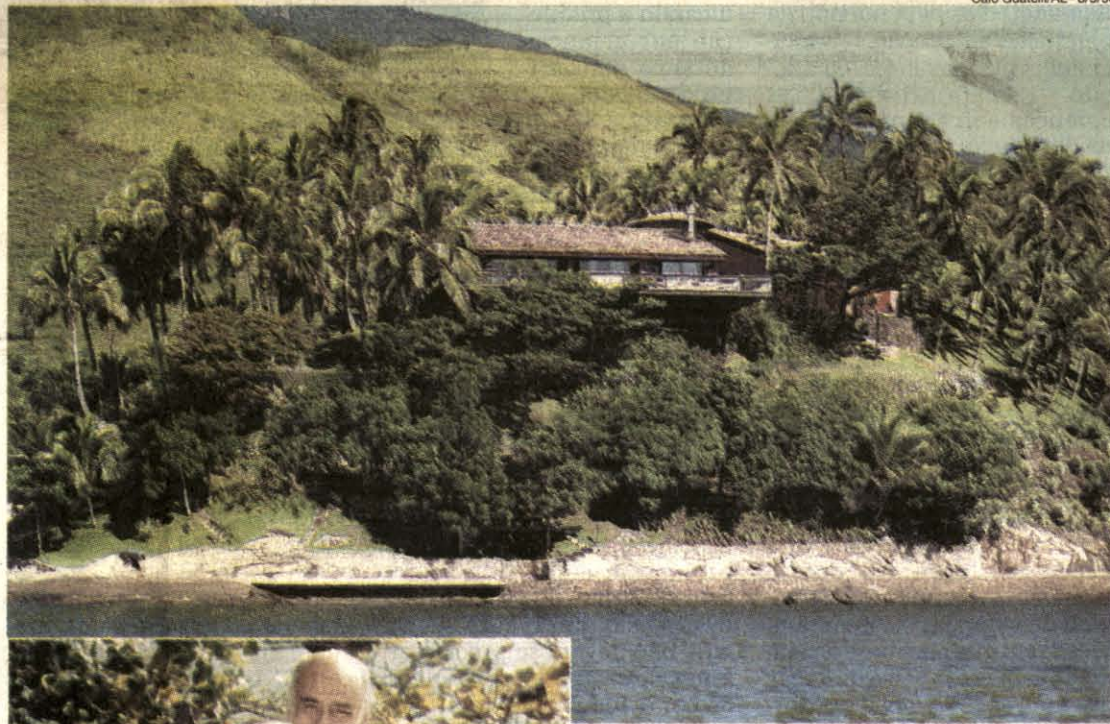
Ambientalista de primeira hora, e novamente *avant la lettre* (como no franchising), ele dedicou-se então a restaurar a flora e a fauna da ilha. Ela fora severamente devastada pela retirada de lenha, durante a Segunda Guerra Mundial, para uso no gasôgeno que movia os carros na escassez de petróleo. Repovoou-a com veados, emas, jacus, flamingos e macacos.

Porém, esses bichos pegaram a mania de imitar bilhões de borrachudos, entrando sem cerimônia numa casa sem portas, rústica e acolhedora, feita com troncos da palmeira pati. Ele plantou muitas delas ali. Recuperou o estrago. Transportou em barcos toneladas de terra e pedras para fazer muros de arrimo. “Hoje isso seria impossível pelo alto custo”, diz Heráclio. “Mesmo na época foi um desafio grande. Orgulho-me de ter sido o primeiro no Brasil a colocar cobertura vegetal em uma ilha”.

Parecia para sempre. Mas Heráclio casou-se de novo com uma belga, Catharina, que gostava da natureza mas nem tanto dos borrachudos. E menos ainda da idéia de morar em uma ilha, sem recursos, com duas crianças pequenas. Então surgiu o projeto de voltar à Bahia.

Em julho de 1989, Heráclio vendeu a concessão da ilha a Gilberto Miranda, que lhe fora apresentado por amigos comuns. Estava convencido de que o comprador a conservaria tão bem quanto pôde constatar na fotografia de uma fazenda de sua propriedade. As obras planejadas, para Heráclio, não representavam problema maior. “Qualquer um faria uma casa mais confortável, como ele fez”, afirma. “Ninguém precisa ter animais dentro de casa, como eu tinha, para ser considerado ecologicamente correto”.

Heráclio foi um dos fundadores do Parque Estadual de Ilhabela e, na época, fez questão de incluir nele a Ilha das Cabras, para protegê-la da devastação. Não acredita que este fato possa ter sido mesmo negado por Miranda, para defender-se das acusações, conforme a imprensa noticiou. Não descarta que pode ter havido algum engano. Desses que acontecem.



Fernando Heráclio da Silva (E) orgulha-se de ter sido o primeiro no Brasil a colocar cobertura vegetal em uma ilha. O motivo de orgulho não existe mais: vendeu seu paraíso para Gilberto Miranda e este desmatou a flora local. E os animais foram aprisionados

A condenação, depois de dez anos na Justiça

A briga do ex-senador Gilberto Miranda contra o Ministério Público do Estado (MPE) é antiga. Desde 1991, Miranda responde processo por causar danos ambientais na região de São Sebastião, onde é dono da Ilha das Cabras. Na semana passada, o ex-senador foi condenado a pagar indenização – em valor ainda não definido – e a demolir todas as obras que fez em sua ilha. Segundo o MPE, a ilha fazia parte da área de proteção do município de Ilhabela desde 1977.

Em 1989, Gilberto Miranda e as empresas representadas por ele – Humana S/A e Bougainville Participações e Representações Ltda. – começaram uma série de reformas na ilha que desmataram a flora local. Em 1991, apoiada no decreto

de 85 que tombou as ilhas pertencentes à Serra do Mar e seus parques ampliando a área de proteção ambiental da Ilha de São Sebastião e proibindo reformas, demolições e construções sem autorização, a Justiça deferiu uma liminar que obrigava a interrupção das obras em andamento na Ilha das Cabras.

Mas, mesmo após essa liminar, Miranda e suas empresas continuaram as modificações no local. Entre as mudanças, estão a construção de um muro de arrimo para a construção de uma praia artificial, um corte no topo do morro para aprisionamento de animais exóticos fora de seu habitat natural e dentro da área protegida.

Segundo registros do Ministério, o ex-senador

recusou-se a receber a citação do oficial de justiça e a assumir a responsabilidade. Apenas em 1996 foi citado como réu. Os advogados de Miranda alegam que a ilha do ex-senador não fazia parte da área de proteção, e que por isso as obras continuaram.

Mayra Stachuk

Robson Fernandes/AE



Em 91, Gilberto Miranda ignorou a ordem judicial para interromper as obras que fazia na ilha. Agora vai ter de desfazer tudo